

Trabalho feminino nas colônias alemãs da África

Simoni Mendes de Paula

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina. Tem pesquisado os seguintes temas: colonialismo; desastres ambientais e história ambiental.

Endereço eletrônico: simoni.mendes@yahoo.com.br

Ana Carolina Schweitzer

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Participa do Laboratório de Estudos de História da África (LEHAF/UFSC). Sua pesquisa aborda o circuito social de fotografias durante o colonialismo alemão em África.

Endereço eletrônico: carol_schweitzer@hotmail.com

Em novembro de 1902, o jornal *Deutsch-Südwestafrikanische Zeitung* publicou um artigo intitulado “A questão do trabalho nas colônias alemãs”¹, assinado pelo empresário hamburguês Johannes Thormählen. O texto havia sido apresentado originalmente em uma palestra realizada pelo autor no Congresso Colonial Alemão, ocorrido naquele mesmo ano. Thormählen abordou, ali, o lento desenvolvimento das colônias alemãs e a relação com a falta de mão de obra adequada naquelas regiões. Além disso, criticava a utilização do trabalho dos nativos africanos, definido como “trabalho negro” (*Negerarbeit*), pois os considerava *preguiçosos e indolentes*. Ao tratar da “questão do trabalho” (*Arbeiterfrage*), afirmou que cabia aos europeus levar a cultura do trabalho aos “negros africanos”, visto que o povo europeu era “portador da cultura” (*Kulturtrager*).

O termo “*Arbeiterfrage*” é recorrente nos jornais alemães veiculados em suas colônias no início do século XX. Alguns dos artigos publicados nesses jornais também faziam referências aos ideais liberais e à situação do trabalho em outras colônias europeias². Contudo, as apropriações dessas ideias e a discussão sobre a situação do trabalho em África não foram especificidade do colonialismo alemão. Como analisou Frederick Cooper, nas colônias francesas e inglesas, a mentalidade colonialista tornou possível a permanência do trabalho forçado. Cooper demonstrou como o colonialismo europeu em África apropriou-se também do trabalho compulsório, embora propalasse um discurso antiescravista.

A situação do trabalho durante o colonialismo em África envolveu discussões referentes a: direito, cidadania, economia política e teorias raciais. O darwinismo social foi amplamente discutido e utilizado como subsídio nas reflexões sobre o uso da mão de obra africana nas colônias europeias.

Evidentemente, os espaços de trabalho ocupados por africanos, europeus e demais estrangeiros, em contexto colonial, eram diferentes. E a relação entre os espaços de trabalho era permeada, também, por questões de gênero, além das “raciais” e sociais. Os estudos de Valdemir Zamparoni e Ângela M. A. Conceição, e ainda a coletânea organizada por Inocência Mata e Laura Padilha são alguns exemplos de uma abordagem sobre o colonialismo na “África Portuguesa” com ênfase nas relações de gênero³.

Este artigo propõe-se a refletir sobre os espaços de trabalho e atividades em que mulheres, alemãs e africanas, atuaram nas colônias africanas do II Reich.

SOBRE O COLONIALISMO ALEMÃO EM ÁFRICA

A ocupação alemã no continente africano foi uma experiência de poucas décadas de duração, entre os anos de 1884 e 1914. Diferente do que ocorreu com os projetos imigratórios alemães, como para as Américas, as colônias em África receberam reduzido número de imigrantes. Em 1912 havia aproximadamente 22 mil alemães nas colônias africanas: 14.816 no Sudoeste Africano (atual Namíbia), 4.886 na África Oriental Alemã (atual Tanzânia), 1.537 em Camarões e 345 no Togo⁴.

Os investimentos feitos nas colônias alemãs eram, na sua maioria, de financiamento privado. Mesmo após a demissão do chanceler alemão Bismarck – que era contra o financiamento estatal nas colônias –, o investimento feito pelo II Reich foi modesto⁵. Economicamente, as colônias desenvolveram plantações de café, algodão, borracha e sisal. Na Namíbia,

a pecuária teve também seu destaque. A exploração dos recursos naturais foi a principal atividade econômica na costa desta colônia. Destacava-se, ainda, a extração de minérios como cobre, fósforo e mármore⁶. No litoral da colônia do Sudoeste Africano e na parte insular, além da extração do guano, praticavam-se a pesca e a caça a baleias e leões marinhos.

Na execução das atividades extrativistas, a mão de obra era, em grande parte, africana, e o capital era privado. O próprio Johannes Thormählen – citado no início deste artigo – era um dos sócios da empresa *Jantzen & Thormählen* que, desde 1885, comercializava produtos na colônia dos Camarões. Esta empresa foi uma das responsáveis pela ocupação e aquisição de terras na região para, inicialmente, plantações de cacau e tabaco. Embora muitas dessas aquisições tenham ocorrido por meio de posses e ocupações ilegais de terras, adiante receberam o reconhecimento legal da administração alemã. Dessa maneira, a empresa de Thormählen criou uma das maiores regiões de plantio nos Camarões, com cerca de 90.000 hectares de terra para plantação de cacau, bananas, borracha, café e óleo de palma⁷.

Além de empresas como a do empresário hamburguês, foram criadas companhias e sociedades para exploração de recursos naturais nas colônias durante o período colonial. Em 1912, por exemplo, havia duas companhias baleeiras em atividade no Sudoeste Africano Alemão. Uma possuía capital inglês e tinha sede na Cidade do Cabo; e a outra, sediada em Hamburgo, possuía capital alemão.

A descoberta de diamantes na Namíbia, em 1908, estimulou novamente o afluxo de alemães para a África. Apesar de não ter ocorrido um grande fluxo migratório, como almejava Carls Peters, o fundador da Sociedade para a Colonização Alemã (*Deutsche Gesellschaft für Kolonisation*), houve considerável aumento de imigrantes a partir daquele ano.

O colonialismo do II Reich se valeu da atuação de instituições para incentivo à imigração de alemães. Em 1887, as associações *Kolonialverein* (Associação Colonial) e *Gesellschaft für deutsche Kolonisation* (Sociedade para a Colonização alemã) se uniram, fundando a *Deutsche Kolonialgesellschaft* (Sociedade Colonial Alemã), que teve atuação importante na imigração de alemães e também se empenhou na construção de uma sociedade colonial “branca” e germânica em África. Evidentemente, muitos dos associados tinham interesses econômicos e atuavam por meio de companhias e empresas em África.

A Sociedade Colonial Alemã criou, em 1907, a *Frauenbund der Deutschen Kolonialgesellschaft* (Liga de Mulheres da Sociedade de Colonização Alemã), que tinha por objetivo a promoção da presença de mulheres alemãs

nas colônias. Vale ressaltar que a falta de mulheres brancas nas colônias foi, em certa medida, uma preocupação das instituições envolvidas nas políticas coloniais do II Reich. No jornal local da cidade de Luderitzbucht, uma notícia parabeniza a criação da Liga de Mulheres, ressaltando que a “mulher alemã” dará caráter e sentido alemão às novas terras⁸. Contudo, o jornal ressaltou também a importância do desenvolvimento das condições econômicas das colônias, de modo que isso pudesse também incentivar a imigração de mulheres.

A falta de mulheres brancas nas colônias foi pauta de discussões ao longo do colonialismo alemão em África. No ano seguinte à criação da *Frauenbund*, a população branca masculina no Sudoeste Africano Alemão era superior a 70%, visto que entre os 13.789 moradores, 10.613 eram homens e 3.176 eram mulheres⁹. Em junho de 1912, mesmo após quase trinta anos de ocupação alemã nos territórios africanos, a presença das alemãs nas colônias ainda era tida como um problema. Com a visita do secretário de Estado do Escritório Colonial do Império Alemão, Wilhelm Heinrich Solf, na colônia do Sudoeste Africano, discutiu-se novamente a “*Mangelandeutschen Frauen*” (falta de mulheres alemãs)¹⁰. Em seu discurso, reproduzido em jornal local, o secretário alemão admitiu que, apesar de todos os esforços da *Frauenbund*, o número de mulheres brancas nas colônias provavelmente nunca seria superior ao de homens brancos.

Entre as ações realizadas pela *Frauenbund*, se destaca a criação, no mesmo ano da sua fundação, da revista *Kolonieund Heimat in Wortund Bild* (Colônia e Pátria em Palavra e Imagem). Como veículo da propaganda colonial, o periódico da *Frauenbund* foi publicado entre os anos de 1907 e 1914, com artigos sobre as colônias alemãs no continente africano e na Ásia, enfatizando o caráter civilizatório da colonização¹¹. No conteúdo, há textos sobre como eram a vida dos imigrantes, as transformações do espaço, a construção de ferrovias, as plantações e cultivos, a sociabilidade nas colônias. Também fotografias eram publicadas – visto seu caráter de revista ilustrada –, muitas delas enviadas por imigrantes¹². A partir de 1914, a revista modificou seu foco, passando a publicar notícias e artigos sobre a I Guerra Mundial.

A *Frauenbund* atuou, ainda, de modo a incentivar financeiramente a ida de mulheres às colônias. Através da promoção de palestras e jantares – “patrocinados” pelos associados –, arrecadava dinheiro para a compra de passagens de navio e enxoval para as mulheres que aceitavam imigrar para as colônias. Muitas destas iam com intuito de casar, um casamento previamente arranjado; mas também houve aquelas que viajaram para trabalhar.

OS ESPAÇOS DE TRABALHO

Em março de 1914, Hertha Brodersen-Manns desembarcou na cidade de Lüderitzbucht, então parte do império colonial alemão¹³. A jovem hamburguesa, de vinte e três anos, viajou para a colônia do Sudoeste Africano acompanhada do advogado alemão Dr. Lübben. Ela fora contratada para trabalhar como secretária e receber um salário de 400 marcos por mês, no escritório que Lübben abriria na colônia. Seis meses após seu desembarque, as tropas britânicas ocuparam a região alemã, parte dos conflitos da Primeira Guerra Mundial, e Hertha foi levada como prisioneira para a África do Sul.

Acompanhada por cerca de 300 alemães que viviam na colônia, Hertha foi deportada e viveu durante meses em campos de refugiados brancos. Em 1915, foi libertada, retornou à ex-colônia alemã, mas foi morar na cidade de Windhoek e casou-se com um ex-soldado alemão. Durante alguns anos, trabalhou num banco agrícola, depois voltou para a Alemanha, ali permanecendo por cinco anos. Novamente, em 1926, retornou às terras africanas, onde iria morrer anos depois. Suas expectativas em relação à primeira viagem à colônia alemã, as mudanças nos planejamentos, a vida no campo de refugiados são relatadas no livro *Wieallesanderskam in Afrika*, escrito por Hertha e publicado apenas após sua morte¹⁴.

A experiência de Hertha permite refletir sobre os espaços de trabalho ocupados por mulheres alemãs durante o colonialismo em África. Embora não houvesse uma grande oferta de emprego destinado a elas, negar sua presença seria um equívoco; do mesmo modo o é associar a ida de mulheres às colônias apenas com o casamento. É notável que, devido ao número relativamente baixo de mulheres, as possibilidades de matrimônio eram maiores.

Nos jornais locais, as ofertas de empregos mencionavam algumas das atividades destinadas às alemãs. Anunciavam-se vagas para enfermeiras, governantas, domésticas, costureiras, modistas, professoras particulares ou para escolas e jardins de infância¹⁵. Além das ofertas de vagas, havia aquelas que ofertavam seu ofício nos jornais. Em publicação do jornal *Deutsch-Südwestafrikanische Zeitung*, de março de 1903: “Jovem, professora alemã procura um emprego adequado no Sudoeste Africano Alemão. Proposta com G. Gericke, professora. [De] Glindow no Werder.¹⁶

O espaço de educação também era um espaço de trabalho para as mulheres brancas. Nas colônias, a educação dos nativos ficava, em muitos casos, a cargo de missionários; já a elite colonial branca criou suas próprias escolas¹⁷. O trabalho de educar as crianças e os jovens alemães nas colônias era atribuído às mulheres alemãs. Isto porque, cabia à “mulher alemã” a

tarefa de transmitir a *Kultur* aos seus descendentes¹⁸. Na revista *Kolonieund Heimat*, foram publicadas algumas fotografias dos *Kindergarten* (jardins de infância) e das escolas onde as mulheres atuavam. A análise dessas fontes visuais permite inferir como se buscou reproduzir um padrão europeu nas escolas coloniais alemãs.

Assim como Hertha, outras mulheres alemãs viajaram para as colônias e se engajaram em atividades remuneradas; algumas na educação dos filhos de colonos, como a alemã Helene Nitze. Foi através do trabalho desenvolvido como professora na colônia do sudoeste africano, que Helene Nitzevon Falkenhausen assumiu, em 1908, a direção da Escola Colonial para Mulheres (*Kolonialfrauenschulen*), na cidade de Witzenhausen, Alemanha. Nascida em 1873, ela imigrou para o continente africano com seus pais, aos 21 anos. Sua família foi uma das primeiras a imigrar e se estabelecer na colônia do Sudoeste Africano. Helene trabalhou como professora antes do casamento, tornando-se a primeira professora alemã da região. Após a morte do marido devido à Guerra Colonial (1904-1908), ela retornou para a Alemanha. Anos depois, Helene viajou novamente para a colônia africana e auxiliou na criação de uma fazenda escolar (*Lehrfarm*), em Windhoek.

A exemplo de Helene Nitze, outras alemãs receberam reconhecimento pelos seus trabalhos. No entanto, os cargos públicos eram preenchidos, predominantemente, por homens. As mulheres que ocupavam os poucos cargos de destaque a elas concedidos tinham algum reconhecimento social para que lhes fosse ofertada a vaga. O cargo de segunda vice-secretária, responsável pelo escritório da *Frauenbund*, em Luderitzbucht, por exemplo, foi oferecido à esposa do prefeito da cidade, Frau Kreplin. Assim como a senhora Kreplin, outras mulheres possivelmente tiveram acesso a alguns cargos devido à posição social ocupada pelos seus maridos ou pela família.

Contudo, as atividades de trabalho das mulheres africanas, no contexto colonial, eram exercidas de modo desigual. Embora a presente pesquisa careça de registros de contratos de trabalho, a presença de mulheres nativas compartilhando atividades com homens pode ser compreendida, também, a partir dos registros visuais. A revista *Kolonieund Heimat*, por exemplo, na capa de uma edição publicada em 1910, estampou a fotografia de cinco trabalhadores nas minas de diamante, em Luderitzbucht. Entre eles, é notável a presença de uma mulher; embora os textos da revista pouco destaquem o trabalho de africanas nessas atividades braçais.

A revista veicula, ainda, fotografias que evidenciam a presença de mulheres nas plantações, colheitas e no labor das fazendas. Na colônia do Sudoeste Africano Alemão, os espaços urbanos também eram ocupados por

seus trabalhos. Mulheres *Herero* e *Nama* trabalhavam como vendedoras de leite, frutas e verduras nas ruas de Windhoek.

Entre os anos de 1904 e 1908, ocorreu a Guerra Colonial na Namíbia, também conhecida como Levante *Herero*. Na disputa pela ocupação de terras, os grupos *Herero* e *Nama* entraram em conflito com os imigrantes alemães. A utilização de campos de concentração para os prisioneiros da guerra foi uma das estratégias dos alemães para uso do trabalho (forçado) e controle dos prisioneiros.

Casper W. Erichsen, ao observar os relatórios de missionários, estimou existirem aproximadamente 17 mil prisioneiros, em 1906, espalhados em campos ao redor da colônia do sudoeste africano¹⁹. Este número inclui alguns dos prisioneiros empregados pelas empresas ferroviárias, mas ignora aqueles mantidos no campo de trabalho forçado em Shark Island. O autor destaca ser o número de mulheres superior ao de homens. Segundo seus dados, mais de dois terços do total de prisioneiros de guerra eram mulheres e crianças.

Casper discorda da ideia segundo a qual a disparidade de gênero nos campos se deve ao uso de homens nas construções pesadas, como as estradas de ferro. Para ele, os números expressavam o total de prisioneiros de guerra, femininos e masculinos, e também incluíam aqueles prisioneiros que trabalhavam em projetos do governo, para as empresas privadas, e com os militares. Desse modo, cabe inferir que a desigualdade na proporção de homens e mulheres é anterior à guerra.

Sobre o trabalho durante a Guerra Colonial, além das prisioneiras mantidas nos campos de concentração, havia aquelas que foram recrutadas pelos missionários e trabalhavam nas colheitas. As altas taxas de mortalidade, também indicam que mulheres não foram poupadas dos trabalhos duros, forçados. Assim, sofriam da mesma consequência, além de possíveis abusos sexuais.

A partir de março de 1905, o uso do trabalho dos prisioneiros da Guerra Colonial por empresas, como a Woermann, passou a ser considerado legal. Os prisioneiros (homens, mulheres e crianças) poderiam ser “alugados” pelas companhias, empresas privadas pequenas, agricultores e colonos. Pagava-se ao governo cerca de 10 marcos alemães, mensalmente, por indivíduo. Essa taxa era conhecida como *Kopfsteuer*, taxa de/por cabeça, e era enviada diretamente ao governo colonial²⁰.

Em sua análise, Casper Erichsen criticou o comércio humano gerado ao longo da Guerra Colonial, sugerindo que era equivalente à escravidão. Em sua pesquisa, há fotografias que acusam a presença de mulheres carregando pedras, cargas de munição e outros materiais pesados. As prisioneiras tam-

bém foram coagidas a trabalhar em serviços privados, em casas e fazendas dos colonos. Mesmo com o fim da guerra, em 1908, o comércio de trabalho humano não diminuiu. Embora o estatuto de prisioneiro de guerra tenha sido abolido em abril de 1908, os povos *Herero*, *Nama* e *San* permaneceram trabalhando de modo compulsório para os alemães. Tal fato reflete, de certo modo, aquilo que Sílvio Correa discutiu sobre as ambiguidades do trabalho no colonialismo alemão, ao estudar a África Oriental Alemã, atual Tanzânia²¹. Ou seja, como o trabalho era tido como preliminar para as finalidades civilizatórias do colonialismo, a conotação do trabalho como transformador era ambígua. Desse modo, o trabalhador (africano) não era reconhecido como alguém produtor de riquezas, já que era a intervenção do colonizador que emprestava um caráter transformador ao trabalho.

ESPAÇOS COMPARTILHADOS, ATIVIDADES DISTINTAS

Foi em grande medida no âmbito doméstico – embora não somente aí – que mulheres nativas e adventícias compartilharam o espaço de trabalho. Assim, foi no trabalho doméstico, seja nas casas no meio urbano ou nas fazendas mais distantes, que o convívio se deu de modo mais intenso.

Às mulheres alemãs era atribuída a “missão” de levar a civilização e a cultura alemã para as colônias ultramarinas e, por conseguinte, às mulheres africanas. Isso ocorreu, entre outras formas, através do trabalho, dos modos de fazer. Na revista da Liga de Mulheres, *Kolonieund Heimat in Wortund Bild*, foram publicados textos que criaram e reproduziram um ideal de “mulher alemã”, como sugere o seguinte título de uma seção da revista: “A mulher alemã nas colônias”²². Em tais publicações, diferentes imigrantes escreviam sobre como era sua vida nas terras africanas e como seu trabalho era necessário para o projeto colonial alemão. Nota-se que o trabalho doméstico de lavar roupas, cuidar das crianças e cozinhar era atribuído às mulheres como uma função social.

Também nas fotografias dessa revista é notável o uso de roupas brancas e claras, tanto pelas alemãs quanto pelas africanas, que aparecem em poses como se exercessem trabalhos domésticos. Naquele contexto colonial, produziu-se uma espécie de culto à branquidão. Segundo Nancy Reagin, esse culto e a domesticidade foram elementos importantes na construção de uma “identidade alemã” e sua “auto percepção”²³. A autora ainda ressaltou que o desenvolvimento da limpeza, agregado a noções de ordem, economia e gestão do tempo associada à domesticidade se fez de modo mais intenso e de porcentagem mais elevada no colonialismo alemão do que em outros.

A fotografia, a seguir, foi publicada na revista *Kolonieund Heimat*, em agosto de 1911. Na legenda, informa-se que a imagem foi produzida na cozinha da casa de um oficial²⁴.



Blick in die Küche eines Beamtenhaus.

Kolonie und Heimat in Wort und Bild . Ano 4. Número 25. 1911. p. 08.

Na imagem da cozinha, além do relógio de parede, há utensílios domésticos europeus, como as panelas, pratos e talheres. Observe-se o tom claro da roupa da cozinheira. Seu olhar está direcionado para seu afazer, como se a presença do fotógrafo não tivesse sido notada, acusando também que a foto foi posada. Fotografias semelhantes a esta circularam durante o período colonial alemão. Em revistas ilustradas, cartões postais e fotografias de acervos familiares há imagens que evocam a ideia de que nas colônias se reproduziam modos de ser e fazer da “cultura alemã”.

Cozinheiras, empregadas domésticas e babás nativas faziam parte do cotidiano das mulheres brancas, e tal presença reconfigurava as relações de poder no espaço doméstico. Em *Wosonst der FußdesKriegerstrat: Farmerleben in Südwestnachdem Kriege*, Maria Karow escreveu sobre sua vida, entre os anos de 1905 e 1908, na colônia do Sudoeste Africano, onde sua irmã vivia acompanhada do marido, dos filhos e de nativos que trabalhavam na

fazenda. Trata-se de um livro composto de dezoito capítulos que entrelaçam suas memórias, reflexões e fotografias. A chegada ao continente africano, o estranhamento da paisagem e as adaptações ao clima são temas recorrentes em grande parte dos capítulos.

Em um dos capítulos, Karow se detém a escrever sobre os trabalhadores da fazenda em que viveu. Segundo ela, a idade das empregadas variava, na maioria dos casos, entre 12 e 16 anos; e atribui tal fenômeno ao casamento que, acrescenta, entre os nativos ocorria “mais cedo”. Os trabalhadores da fazenda eram *Herero*; sendo assim, pode-se inferir que alguns eram prisioneiros da Guerra Colonial, visto que esta se deu no período em que Karow viveu na colônia. Sobre a rotina de trabalho dos nativos, a alemã escreveu que se iniciava às cinco da manhã, com o nascer do sol, encerrando-se após as seis da tarde, quando o sol se punha. Apenas algumas tarefas relacionadas ao gado eram realizadas no período da noite²⁵.

Sobre os trabalhadores *Herero* da fazenda, Karow faz referência a eles como “*unseren Herero Leuten*” (nosso povo Herero). No que concerne às fotografias publicadas no livro, destaca-se a de uma doméstica que expõe um sorriso no rosto e seu olhar encara amistosamente quem a fotografa. Na legenda “*Unser Küchenmädchen, die Herero Ella*” (nossa cozinheira, a Herero Ella), o pronome possessivo “nossa” junto do nome da cozinheira nos permite refletir sobre as relações estabelecidas no âmbito doméstico em contexto colonial.

Havia no trabalho doméstico uma relação de dependência, de acordo com a qual as alemãs ficavam sujeitas aos saberes e conhecimentos das nativas. Assim, africanas cozinheiras e babás faziam parte do cotidiano das mulheres brancas e circulavam pelo espaço doméstico, cuidavam da organização casa e dos seus filhos. Auxiliavam-nas a se adaptar ao novo meio, ao novo cotidiano e à paisagem. Esses atrelamentos nos ajudam a entender como as relações de poder são “constelações dispersas de relações desiguais”²⁶.

Desde 1997, a Universidade de Frankfurt disponibiliza seu repositório de imagens.²⁷ Cerca de 50 mil fotos compõem o arquivo; são oriundas das colônias alemãs em África (atuais estados de Togo, Camarões, Namíbia e Tanzânia) e também de Samoa e da China, onde havia pequenos protetorados alemães. Nesse arquivo, os temas mais abordados nas fotografias vinculam-se a: viagens de exploração, geologia e minas; vegetação e agricultura local; paisagens; escola de missão; comércio tradicional; transporte (a introdução de transporte moderno, incluindo docas, ferrovias e estradas) e o desenvolvimento econômico por europeus.

Contudo, ao inscrever os termos “mulheres” e “trabalho doméstico”, o arquivo selecionou algumas fotografias, entre elas a que se segue:



Der Bildbestand der Deutschen Kolonialgesellschaft in der Universitätsbibliothek Frankfurt am Main. Imagem número 026 0403 37.

As oito mulheres aparecem em espaço semelhante a um quintal ou fundos de uma casa, e parecem compartilhar uma tarefa. Enquanto quatro delas se encontram no chão, sentadas à frente de bacias com água e roupas, outras quatro estão de pé, segurando mais peças de roupas ou panos. As dispostas no chão são mulheres negras e as demais são mulheres brancas. No arquivo, não há legenda, nem o nome do fotógrafo que produziu esta imagem. Conforme já discutido, as mulheres alemãs também trabalhavam nos serviços domésticos. Desse modo, lavar roupas era uma tarefa realizada também por elas, não limitando às africanas. As fontes visuais oriundas de arquivos como o de Frankfurt permitem inferir que, mesmo compartilhando o espaço de trabalho, brancas e negras não dividem a mesma tarefa. Embora nos rostos das mulheres brancas esteja estampado um sorriso, há outros elementos que acusam a existência de barreiras ou abismos entre as várias integrantes da foto. Durante o tempo em que as africanas lavam as roupas sentadas, as mulheres brancas, de pé, possivelmente entregam as roupas e/ou estendem; também parecem fiscalizar o trabalho, como se buscassem manter a ordem. O distanciamento corporal acusa um distanciamento social e “racial”.

Ao passo que à “mulher alemã” idealizada cabia a tarefa de manter a ordem, a *Kultur*, restava à mulher africana seguir as ordens e reproduzir o que lhe era ensinado. Ainda que o objetivo da imigração de mulheres alemãs para as colônias fosse o casamento, seu trabalho tinha uma finalidade: a garantia da reprodução da ordem colonial no âmbito familiar, nas gerações, na escola e na casa. Isso foi amplamente difundido pela propaganda colonial, como na já citada revista *Kolonieund Heimat in Wortund Bild*. Se os trabalhos destinados às alemãs receberam pouco destaque na sociedade colonial, os que cabiam às nativas africanas o tiveram menos ainda. Isto fica mais evidente ao se ocultar a presença dessas mulheres nos trabalhos forçados durante e após a Guerra colonial, seja nas minas de diamante ou nos campos de trabalho. Por fim, o mapeamento dos espaços de trabalho de mulheres em contexto colonial e suas relações exige a ampliação da tipologia de fontes. Os trabalhos das nativas não aparecem nas páginas de jornal ou em revistas como a *Kolonieund Heimat*. Mas se fazem presentes por meio de fontes visuais, relatos de experiências e na literatura colonial, conforme se observa em produções daquele período e em livros, como o de Maria Karow, e no arquivo de Frankfurt. Isto nos possibilita inferir que embora compartilhassem os espaços de trabalho, suas idiossincrasias não desapareciam.

NOTAS

1 Die Arbeiterfrage in den deutschen Kolonien. **Deutsch-Sudwestafrikanische Zeitung**, 27 de novembro 1902.

2 Para ficar num exemplo: **Swakopmunder Zeitung**, 11.05.1912.

3 ZAMPARONI, Valdemir (2002) “As ‘escravas perpétuas’ & o ‘ensino prático’: raça, gênero e educação no Moçambique Colonial, 1910-1930”, in **Estudos Afro-Asiáticos** 24 (3), p. 459-482. CONCEIÇÃO, Ângela Maria Agostinho da. *Colonialismo e mulheres em Moçambique: anos 50/60: mulheres brancas em terra de negros*. Lisboa, 2004. MATA, Inocência; PADILHA, Laura (orgs.). *A mulher em África: vozes de uma margem sempre presente*. Lisboa: Edições Colibri, 2007.

4 SMITH, Woodruff D. *The German Colonial Empire*. University of North Carolina Press, 1978, p. 51.

5 BREPOHL, Marion. *Imaginação literária e política: os alemães e o imperialismo 1880/1945*. Uberlândia: Editora da Universidade Federal do Uberlândia (EDUFU), 2010, p. 68.

6 CORREA, Sílvio M. de S. Imigração e privatização dos recursos naturais na África durante o colonialismo alemão (1884-1914) in NODARI, Eunice S. (org.). *História ambiental e migrações*. São Leopoldo: OIKOS, 2012, p. 15 – 34.

7 **Afrika-Hamburg**. Página da web. Disponível em: <http://www.afrika-hamburg.de/globalplayers3.html>. Acesso: 2 de março de 2015.

8 **Deutsch-Sudwestafrikanische Zeitung**, 8 de maio de 1907, p. 02.

9 **Kolonie und Heimat in Wort und Bild**. Ano 1, número 3, 1908, p. 08.

10 **Luderitzbuchter Zeitung**, 22 de junho de 1912, p.17-18.

11 A *KolonieundHeimat in WortundBild* foi pulicada até a década de 1940; mas, a partir de 1914, com o início da Primeira Guerra, houve mudanças no foco da revista, tornando-se um folhetim (com imagens) sobre a guerra. Com o final da guerra e a perda das colônias, a revista passou a ter ênfase numa nostalgia colonial.

12 Embora este artigo não tenha por objetivo recompor a uma história visual do colonialismo, as fotografias são fontes privilegiadas nesta pesquisa. Elas foram publicadas na revista *KolonieundHeimat in WortundBild*, entre os anos de 1907 e 1914. Em um levantamento prévio, foram selecionadas cerca de 800 fotografias que remetem às colônias alemãs em África. A revista está disponível em microfilme na Staatsbibliothek zu Berlin, biblioteca da cidade de Berlim.

13 **Lüderitzbuchter Zeitung**, 11 de março de 1914, p. 01-02.

14 BRODERSEN-MANNS, H. *Wie alles anders kam in Afrika. Südwestener Erinnerungen aus den Jahren 1914/1915*, 1991.

15 Por exemplo: **Luderitzbuchter Zeitung**, 16 de abril de 1910.

- 16 *Junge, deutsche Lehrerin sucht entsprechende Beschäftigung in Deutsch-Südwestafrika. Anerbieten an G. Gericke, Lehrerin*. Glindow bei Werder a. H. “**Deutsch-Südwestafrikanische Zeitung**, de março de 1903.
- 17 CORREA, Sílvio M. de S. Fronteiras da educação na África sob domínio colonial alemão. **Revista História da Educação – RHE**, v. 16, n. 37 (2012). Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação – Asphe / Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- 18 Sobre o conceito de *Kultur* para a sociedade alemã, ver mais em: ELIAS, Norbert. *Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. E, do mesmo autor: *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- 19 ERICHSEN, Casper W. *The Angel of Death. A study of Namibia’s concentration camps and prisoners-of-war, 1904-1908*. Leiden: ASCU-niversityof Leiden, 2005.
- 20 Idem, 2005, p. 119.
- 21 CORREA, Sílvio M. de S. As ambiguidades do trabalho na África Oriental Alemã (1885-1914). **I Seminário Internacional Mundos do Trabalho: histórias do trabalho no sul global**. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis, 25-28 de outubro de 2010.
- 22 *Die Frau in den Kolonien*. *Kolonie und Heimat in Wort und Bild*. Ano II, nº 10, p. 12, 1908.
- 23 REAGIN, Nancy R. *Sweeping the German Nation: Domesticity and National Identity in Germany, 1870–1945*. New York: Cambridge University Press, 2007.
- 24 *Blick in die Küche eines Beamtenhaus*. *Kolonie und Heimat in Wort und Bild*. Ano 4. número 25. 1911, p. 08.
- 25 KAROW, Maria. *Wo sonst der Fuss des Kriegers trat: Farmerleben in Südwest nach dem Kriege*. Verlegt bei Ernst Siegfried Mittler und Sohn Königliche, Berlin, 1909.
- 26 SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação e Realidade**. Porto Alegre: Faculdade de Educação / Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), v. 20, n. 2, p.71-99, 1995.
- 27 Sobre o Bildarchiv, ver mais em: *Der Bildbestand der Deutschen Kolonialgesellschaft in der Universitätsbibliothek Frankfurt am Main*. Disponível em: <http://www.ub.bildarchiv-dkg.uni-frankfurt.de/>

BIBLIOGRAFIA

- BREPOHL, Marion. *Imaginação literária e política: os Alemães e o Imperialismo 1880/1945*. Uberlândia: EDUFU, 2010.
- BRODERSEN-MANNS, H. *Wie alles anders kam in Afrika*. Südwester Erinnerungen aus den Jahren 1914/1915, 1991.
- CONCEIÇÃO, Ângela Maria Agostinho da. *Colonialismo e mulheres em Moçambique: anos 50/60: mulheres brancas em terra de negros*. Lisboa, 2004.
- CORREA, Sílvio M. de S. Imigração e privatização dos recursos naturais na África durante o colonialismo alemão (1884-1914), in NODARI, Eunice S. (org.) *História ambiental e migrações*. São Leopoldo: OIKOS, 2012, p. 15–34.
- CORREA, Sílvio M. de S. As ambiguidades do trabalho na África Oriental Alemã (1885-1914). **I Seminário Internacional Mundos do Trabalho: histórias do trabalho no Sul Global**. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis, 25-28 de outubro de 2010.
- CORREA, Sílvio M. de S. HYPERLINK “<http://silviocorrea.paginas.ufsc.br/files/2011/11/Fronteiras-da-Educa%C3%A7%C3%A3o.pdf>” Fronteiras da educação na África sob domínio colonial alemão HYPERLINK “<http://seer.ufgs.br/asphe/article/view/28224/pdf>” \t “_blank” . **Revista História da Educação – RHE**, v. 16, n. 37 (2012). Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação – Asphe / Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- ELIAS, Norbert. *Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus no século XIX e XX*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1997.
- ERICHSEN, Casper W. *The Angel of Death. A study of Namibia's concentration camps and prisoners-of-war, 1904-08*. Leiden: ASC University of Leiden, 2005.
- KAROW, Maria. *Wo sonst der Fuss des Kriegers trat: Farmerleben in Südwest nach dem Kriege*. Verlegt bei Ernst Siegfried Mittler und Sohn Königliche, Berlin, 1909.
- MATA, Inocência; PADILHA, Laura (orgs.) *A mulher em África: vozes de uma margem sempre presente*. Lisboa: Edições Colibri, 2007.
- REAGIN, Nancy R. *Sweeping the German Nation: Domesticity and National Identity in Germany, 1870–1945*. New York: Cambridge University Press, 2007.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação e realidade**. Porto alegre: Faculdade de Educação / Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.
- SMITH, Woodruff D. *The German Colonial Empire*. University of North Carolina Press, 1978, p. 51.
- ZAMPARONI, Valdemir (2002) “As ‘escravas perpétuas’ & o ‘ensino prático’: raça, gênero e educação no Moçambique Colonial, 1910-1930”. *In Estudos Afro-Asiáticos*, 24 (3), p. 459-482.

FONTES Deutsch-Sudwestafrikanische Zeitung
HEMEROGRÁFICAS Swakopmunder Zeitung
Kolonie und Heimat in Wort und Bild
Luderitzbuchter Zeitung

Palavras chaves:

**colonialismo,
colonização alemã,
trabalho feminino.**

Resumo

O colonialismo alemão foi uma experiência de poucas décadas de duração, entre 1884 e 1914. Neste breve período, a Sociedade de Colonização Alemã foi uma das principais instituições que se empenhou na construção de uma sociedade colonial branca e germânica em África. Também a sua Liga Feminina teve papel importante, notadamente ao se mobilizar para o envio de mulheres brancas para as colônias africanas. Nas colônias, as mulheres alemãs trabalhavam, entre outras atividades, como professoras, governantas, secretárias, enfermeiras e domésticas em casas, no meio urbano, ou em fazendas, no meio rural. Através da análise de fotografias, livros autobiográficos e de publicações da Liga Feminina analisa-se um conjunto de atividades compartilhadas por mulheres advéncias e nativas. Também identificam-se os espaços do trabalho compartilhados por mulheres alemãs e africanas, embora esse convívio não anulasse, necessariamente, certas distâncias sociais, bem como idiosincrasias entre elas.

Keywords:

**colonialism, German
Colonization, female work.**

Abstract

The german colonialism was an experience of few duration decades, between 1884 and 1914. In this short period, the German Colonization Society was one of the main institutions that are dedicated to building a white and german colonial society in Africa. Also its Women's League was important, notably to mobilize to send white women for African colonies. In the colonies, the german women worked, among other activities, as teachers, housekeepers, secretaries, nurses and domestic employee, in urban areas, or on farms, in rural areas. Through photographs analysis, autobiographical books and the Women's League publications, this paper objective is to analyze a set of activities shared by german and native women. Also identify work areas that were shared between German and African women, although the interaction between them does not necessarily annul certain social distances and idiosyncrasies between them.

Recebido para publicação em fevereiro/2015. Aceito em maio/2015.